

Editorial

Prezadas/os leitoras/es,

a presente edição da revista *Cadernos de Clio* consiste no sexto número lançado após a retomada da publicação do periódico pelo grupo PET História UFPR, processo que teve seu início ainda no ano de 2019, quando a Comissão Editorial abriu novas chamadas para artigos e retomou contatos com pareceristas, sendo concretizado com o lançamento virtual de edições referentes aos anos de 2017 e 2018 a partir do mês de junho de 2020. Hoje, aproximadamente um ano depois da disponibilização pública do primeiro volume dessa fase de retomada, inauguramos um novo ciclo de dinâmicas da revista: após finalizar as publicações de textos voltados às temáticas de História e Literatura e História do Brasil republicano - eixos encabeçadores dos dossiês abertos há dois anos -, adentramos uma etapa de enfoque na editoração de artigos e resenhas de temas livres. O recebimento desses trabalhos foi fruto de uma nova chamada de textos entre os meses de fevereiro e março de 2021. Contando com extensa divulgação virtual - amplificada por compartilhamentos realizados por outros grupos PET e por revistas de graduação de demais instituições de ensino superior -, a chamada propiciou uma diversificação dos vínculos e inserções da *Cadernos de Clio* no âmbito dos periódicos acadêmicos da área de História, chamando atenção, ainda, para um dos efeitos da conjuntura pandêmica à reestruturação dos mecanismos de atuação do PET, que passou a ser preponderantemente na intensificação da presença virtual e no uso das

plataformas como pontes de diálogo e de formação de parcerias interinstitucionais.

Ao contrário do alcance obtido em 2019, de teor majoritariamente local e interno, com alta taxa de submissão de trabalhos por discentes da própria Universidade Federal do Paraná, as respostas obtidas este ano apontam para uma aproximação a graduandas/os de todas as regiões do país. Concomitantemente, a expansão de alcance geográfico da revista representou também uma pluralização de contextos históricos, tipologias de fonte, correntes teóricas e modelos metodológicos empregados nos textos em processo de lançamento. As influências da diversidade de currículos formativos e de núcleos de pesquisa especializados entre as várias IES espalhadas pelo país manifestam-se já na composição desta primeira edição compilada a partir da chamada de fevereiro, contribuindo para seu ecletismo, que engloba desde contribuições sobre escritos portugueses de viajantes do século XVII a análises sobre as contravenções de Yves Saint Laurent frente aos códigos de moda e a reflexões acerca das publicações de bibliografias da história do Sudeste Asiático.

No prisma de imbricação às premissas que embasam o Programa de Educação Tutorial, salientamos que a existência ativa do periódico permite congregar múltiplas práticas listadas entre as filosofias orientativas dele a nível federal: de um lado, destaca-se a confecção de cada volume como um ato processual, que demanda, em termos de organização interna do grupo, o estabelecimento de um modo de trabalho regido pela efetivação dos significados do princípio de “educação tutorial”. Desde o último ano,

convencionamos a participação no comitê editorial como uma tarefa integralmente coletiva, isto é, da qual tomam parte todas/os as/os PETianas/os, e não somente uma parte de nossos integrantes. Com isso, tornou-se mais extenso o desafio de familiarização grupal com as instruções necessárias ao cumprimento dos passos sequenciais que levam à finalização dos compêndios semestrais. Buscamos, então, fortalecer as trocas internas de informações, ficando as/os integrantes mais antigas/os da Comissão com o papel de direcionar as/os recém-ingressas/os em sua função como editores. De outro, observamos uma gradual execução de esforços voltados ao enriquecimento dos cursos de graduação a que o PET História atrela-se, bem como ao incentivo da interdisciplinaridade e do rompimento de barreiras institucionais, ambos pilares fundamentais do intuito de transformação dos moldes de ensino superior alavancado pelo Programa.

Ao fornecer um espaço de avaliação crítica e de publicização dos textos acadêmicos de estudantes de graduação, possibilita-se, simultaneamente, um aprofundamento do pensar científico sobre o conteúdo e o formato das proposições discentes, de modo a favorecer revisões e aprimoramentos de pesquisas e narrativas desenvolvidas, e a ampliação dos meios de divulgação de iniciativas nascentes nos ambientes de graduação das Ciências Humanas. O componente interdisciplinar, por sua vez, vem à tona justamente com a abertura da revista em recepcionar trabalhos não restritos à História, com a finalidade de aprovisionar também uma esfera profícua de apresentação de conexões entre temáticas caras ao

campo histórico e abordagens inovativas por meio das quais elas são enunciadas em áreas próximas, como as Ciências Sociais, a Filosofia, o Direito e a Literatura.

Adentrando, enfim, a estrutura do número inaugural do décimo primeiro volume da *Cadernos de Clio*, podemos vislumbrar a diversidade de recortes e de horizontes de análise que permeará tanto os seis artigos e duas resenhas que constituem esta edição, quanto os textos que serão disponibilizados nas outras três capas previstas para o ano de 2021. Em “Entre a tradição e a nação: a perspectiva utópica de Mia Couto para uma terra sonâmbula”, **Cláudio César Foltran Ulbrich, Lorena Illipronte Niwa e Matheus Kochani Frizzo**, graduados em História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), desvelam as noções construídas pelo escritor moçambicano Mia Couto em relação aos valores que deveriam pautar a edificação nacional de Moçambique no pós-Guerra Civil, conflito deflagrado de 1977 a 1992, logo após o encerramento da Guerra de Independência do território, travada contra o antigo estado metropolitano, Portugal. Analisando as trajetórias e valores de Muidinga, Tuahir e Kindzu, protagonistas do romance *Terra Sonâmbula*, publicado no imediato término dos embates, os autores atentam para o tom opositivo de Couto ao projeto governista ratificado pela Frente de Libertação de Moçambique (Frelimo) - identificado como excessivamente violento - enquanto chamam atenção para outra ruptura proposta pelo romancista, de defesa da valorização da oralidade ancestral daquela população sem, contudo, prezar por um uso

exclusivo das línguas africanas, misturadas - ao longo da obra - com o falar em português.

Na sequência, **Arthur Lopes dos Reis**, estudante de História pela Universidade Federal de Viçosa (UFV-MG), apresenta os tensionamentos de convívio entre alunas do curso de Economia Doméstica e alunos dos cursos de Agronomia e Veterinária da então Universidade Estadual Rural de Minas Gerais em texto intitulado “Entre o Bonde a a Paineira: Embates Discursivos, Feminilidades e Masculinidades em Periódicos Universitários (1948-1960)”. Conforme explicitado pelo autor, o ingresso de mulheres no ambiente universitário do interior mineiro - marcado fortemente por uma cultura de orgulho estudantil masculino em pertencer a um polo acadêmico conhecido por seu papel de impulsionamento das exportações agropecuárias regionais e, consequentemente, do avanço do ideal de progresso nacional - trouxe certas conflituosidades até então pouco pronunciadas na instituição. Dedicando-se à análise de páginas do jornal *O Bonde* usadas pelos universitários homens para reificar a noção de que mulheres seriam inaptas para escrever ou desenvolver raciocínios científicos, sendo, portanto, incapazes de partilhar do meio e das atividades acadêmicas; e outras do boletim *A Paineira* - porta-voz de demandas e de manifestos femininos, críticos, por exemplo, do humor leviano dos rapazes do periódico rival e das condutas de assédio físico e moral cometidas pelos colegas homens -, Reis observa as nuances de transgressão desempenhadas pelas discentes da UERMG à época. Reforça-se que, se de um lado as jovens tinham um papel conciso por conta do viés tradicionalista da

formação que recebiam, por outro, questionaram hierarquias e excessos de poder considerados monopólios masculinos.

Com temática também análoga às relações de gênero, tem-se o artigo “Esse é o meu verbo de fraternidade: Questões sobre feminismo e educação para mulheres em Maria Lacerda de Moura”, da graduanda em História pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU-MG) **Kathleen Loureiro Santana dos Reis**. Nele, a discente examina o percurso intelectual e de militância da anarquista citada no título, a qual, tendo nascido no final do século XIX, envolveu-se com uma série de lutas que marcaram a Primeira República e os governos de Getúlio Vargas, caso das reivindicações por educação popular e do questionamento de ideais eugenistas que classificavam determinados setores da população brasileira como “degenerados”. Em um primeiro momento, a autora traça um panorama das invisibilizações a que mulheres ativistas estiveram submetidas nos séculos anteriores, atentando para a experiência anarquista espanhola da década de 1930, quando a organização *Mujeres Libres* participouativamente dos embates das resistências anarquistas no processo da Guerra Civil (1936-1939), recebendo, no entanto, pouco reconhecimento historiográfico nos períodos subsequentes. Maria Lacerda de Moura teria como ponto de convergência com essas espanholas não só a marginalização histórica, mas, preeminentemente, a similitude de ideais defendidos - caso do amor livre e da oposição às instituições dos Estados capitalistas - e do cenário de repressão política vivido. Em uma segunda etapa do trabalho, Reis enfatiza, amparando-se no livro-fonte *A mulher é uma degenerada*, a

retórica feminista da militante em questão, detalhando seu projeto de defesa do direito de educação das mulheres, encarado por Moura como mecanismo fundamental à superação da dita inferioridade feminina, fator mobilizado por intelectuais homens para classificar os corpos femininos como insuficientes, de suposta utilidade meramente reprodutiva.

Já em "Olívio/Felício: de Portugal À Ásia e de Volta: Uma Análise da Representação da Natureza em *Lusitânia Transformada* (1607)", de **Fábio Wroblewski Filho**, aluno de História pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), é destrinchada a obra *Lusitânia Transformada*, do autor português Fernão Álvares. Situando a produção no posto de um construto literário da atmosfera de exploração ultramarina europeia que permeou os séculos XVI e XVII, Wroblewski Filho utiliza teorias geográficas compostas na contemporaneidade para explorar as noções de subjetividade e de envolvimento afetivo e pessoal com lugares físicos denotadas pelo lusitano. A dualidade de personas - explicitadas já no título do artigo pela dupla de nomes empregados, que fazem menção a diferentes figuras que assumiam o sujeito protagonista da narrativa à medida que esse se deslocava espacialmente, com Felício vindo à tona na Europa e Olívio, na Ásia -; a vivacidade da natureza asiática; e o apelo a um imaginário de bucolismo idílico são alguns dos aspectos elencados pelo trabalho publicado. Os esforços de historicização do romance conduzidos ao longo do artigo trazem à tona uma sensibilização quanto ao entendimento das mentalidades portuguesas à época - os riscos enfrentados por Olívio em suas expedições asiáticas, quando contrastados à paz que obteve ao

embarcar em retorno a Portugal, onde já esperava reencontrar-se com entes espiritualizados seriam sintomáticos de todo um povo que vislumbrava seu extenso império mundializado por lentes de exaltação primeira dos laços religiosos e locais, isto é, as terras originais da metrópole lusa.

O quinto artigo a compor este volume é “Possessões Demoníacas e Suas Representações: O Corpo da Possessa nos Impressos Ingleses Modernos do Século XVII”, redigido por **Luisa Padua Zanon**, discente do curso de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Nele, a estudante parte do folheto "*A strange and true relation of a young woman possess with the Devill, by name Joyce Dovey*" para observar de que forma se consolidou a prática de demonização de mulheres - por associação delas aos aspectos ruins, danosos do mundo - no contexto turbulento que atravessava a Inglaterra em meados do século XVII, momento de publicação do material periódico em análise. Enfatiza-se, assim, que a ocorrência da reforma anglicana - a qual, com a nova moral religiosa estabelecida, acarretou uma gradual individualização das culpas religiosas - e das Revoluções Inglesas, em plena erupção quando da produção do panfleto e desencadeadoras da intensificação de angústias, irritações e receios coletivos por conta das violências disseminadas em larga escala, foram fatores-chave ao recrudescimento de discursos e posturas de histeria na relação dos sujeitos com as crenças religiosas. As mulheres, percebidas como frágeis, e, portanto, mais vulneráveis à dominação por forças malignas, e inseridas em uma estrutura social de expressão de misoginia e de autoridade masculina, teriam sido convertidas em alguns dos alvos

principais das acusações de possessão, sendo esse um enfoque necessário ao preenchimento de "silêncios históricos" - conclui Zanon.

Por fim, o texto “Yves Saint Laurent: Coleção Pop Art e a Criação do Le Smoking para o Outono-inverno de 1966”, de **Mayumi Abe Oliveira** - acadêmica de História pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUC-PR) -, encerra a coletânea de artigos da edição. Tensionando as interpretações atribuídas à moda, valorizada, em leituras especializadas, como uma linguagem potente para a expressão de mensagens de estilo pessoal e, consequentemente, de identidade e comportamento, mas excluída do cotidiano popular enquanto processo criativo dotado de significados, Oliveira analisa a trajetória profissional do estilista argelino Yves Saint Laurent. Conforme aponta a autora, de seu posto de diretoria do magníficente ateliê de Christian Dior ao alcance do renome de sua própria casa de moda, o fashionista francófono teria atingido uma maior liberdade criativa, impulsionado pelo cenário de propulsão econômica dos "Trinta Gloriosos" franceses, que provocaram um crescimento da classe média, favorecendo o consumo de itens das coleções de Saint Laurent voltadas ao *prêt-à-porter* (“pronto para vestir”), modalidade de compra menos individualizada do que o sistema de alta costura, baseado na produção unitária de peças a pedido de clientes abastadas. Tendo seu cenário de criação atravessado pelos impactos dos movimentos feministas e pelas liberações almejadas nas convulsões sociais de 1968, a criação icônica do estilista, seu *smoking* redesenhado ao público feminino da época, tornaria nítidas as potencialidades disruptivas da moda ao remodelar as opções de

vestuário convencionadas às mulheres segundo modelagens e códigos andrógenos.

Na seção de resenhas, contamos com as contribuições de **Carlos Eduardo Bione Sidrônio de Lima** e **Heloisa Motelewski**, discentes de graduação em História pela Universidade de Brasília (UnB) e pela Universidade Federal do Paraná (UFPR), respectivamente. Lima pondera acerca dos impactos, inovações e da relevância desempenhada pela obra *Việt Nam – A History from Earliest Times to the Present* (2017), do estadunidense Ben Kiernan, professor do Programa de Estudos sobre Genocídios na Universidade de Yale. Enquanto China, Japão e, no máximo, a Coreia do Sul parecem figurar como os enfoques predominantes de textos historiográficos sobre a História da Ásia, ou curtos períodos da História recente de países menores do Sudeste Asiático são retratados com destaque por permitirem um esquadrinhamento das atuações bélicas ocidentais, o volume resenhado se sobressai, segundo o graduando, à medida que conduz uma ampla narrativa histórica. Essa daria conta de explicar a organização do povo do Vietnam em períodos longínquos, de cerca de 9.000 AEC, e as relações dele com o Império Han, identificar particularidades topográficas do território ocupado por aquela população e seus padrões de cultivo, bem como abarcar o processo corrente de estruturação de um país autônomo, dotado de equilíbrio e fôlego em meio ao cenário geopolítico contemporâneo. As sínteses levantadas por Lima permitem, portanto, uma aproximação de leitores nacionais às proposições centrais aventadas pelo pesquisador de Yale, contribuindo para o aprofundamento dos aportes

bibliográficos de um campo ainda em desenvolvimento nas universidades brasileiras, conforme reforçado pela ausência de traduções do manual ao português.

Também debruçando-se sobre uma obra em língua estrangeira, neste caso, *Paradis du Nouveau Monde*, do pesquisador Nathan Wachtel, catedrático do Collège de France na cadeira de História e Antropologia, **Heloisa Motelewski** aborda a relevância do título para um aumento das difusões bibliográficas referentes aos imaginários que constituem as tradições de memória dos povos indígenas de diferentes regiões do continente americano. Por meio de uma contextualização inicial de pensadores e viajantes que anteviam a existência de paraísos terrestres desde a primeira modernidade, indica-se que Wachtel opera três teorizações - uma referente às narrativas europeias que identificavam nos indígenas americanos laços com a ancestralidade judia, o que lhes teria propiciado certa dignificação nas interações coloniais, e outras duas fundamentais ao entendimento das mobilizações indígenas de reação ao colonialismo imposto, que diziam respeito ao uso das chamadas "crenças messiânicas" para reivindicar liberdade pelo poder de lideranças locais divinizadas na América Latina e a rituais cosmológicos de homenagem a perdas de territórios e de irmãos por populações alocadas no que se tornou a "América Anglo-saxã".

Esperamos que tais trabalhos e os esforços conjuntos de organização deste volume enriqueçam o panorama de circulação de pesquisas recentes em produção nos diversos departamentos de Ciências Humanas das

instituições de ensino superior do país, contribuindo, assim, para o fomento de novas investigações nos diferentes campos temáticos abordados e das rotas de difusão de conhecimentos históricos críticos. Reforçamos, ainda, que a *Cadernos de Clio* segue aberta ao recebimento de textos em fluxo contínuo, aceitando artigos, relatos de docência, ensaios fotográficos, ilustrações e agora, além das resenhas de filmes, livros e músicas já recebidas, também aquelas referentes a dissertações e teses.

Boa leitura!

Rafaela Zimkovicz,

Junho de 2021.